

ARTISTA | Alfredo Cunha

Alfredo Cunha nasceu em 1953, em Celorico da Beira.

Em 1970 iniciou a sua carreira profissional em fotografia publicitária e comercial e no ano seguinte, em 1971, a sua carreira de fotojornalista no "Notícias da Amadora". Colaborou com o Jornal "O Século" e "O Século Ilustrado" (1972), a Agência de Notícias Português - ANOP (1977) e as agências de Notícias de Portugal (1982) e Lusa (1987).

Foi fotógrafo Oficial dos Presidentes da República, Ramalho Eanes e Mário Soares, em 1996 recebeu a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Trabalhou no Jornal "Público" como fotógrafo e editor-chefe entre 1989 e 1997, e integrou o grupo Edipresse como fotógrafo-chefe. Em 2000 começou a trabalhar na revista semanal Focus. Em 2002 colaborou com Ana Sousa Dias no programa de TV "Por Outro Lado" na RTP2. Entre 2003 e 2009 foi fotógrafo e editor-chefe do "Jornal de Notícias". De 2010 a 2012 foi diretor fotográfico da "Global Imagens". Atualmente trabalha como freelancer desenvolvendo projetos editoriais.

Do seu percurso destacam-se as emblemáticas séries de fotografias dedicadas ao 25 de Abril de 1974, a descolonização portuguesa em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, S. Tomé, Timor-Leste e Cabo Verde, o trabalho fotográfico sobre o PREC (Processo Revolucionário em curso, 1974-1975), a queda de Nicolae Ceausescu na Roménia (1989) e acompanhou as tropas portuguesas na guerra do Iraque (2003).

Publicou diversos livros de fotografia entre os quais "Raízes da Nossa Força" (1972), "Vidas Alheias" (1975), "Disparos" (1976), "Naquele Tempo" (1995), "O Melhor Café" (1996), "Porto de Mar" (1998), "77 Fotografias e um Retrato" (1999), "Cidade das Pontes" (2001), "Cuidado com as crianças" (2003), "Cortina dos Dias" (2012), "O grande incendio do Chiado" (2013), "Os rapazes dos tanques" (2014) e "Toda a Esperança do mundo" (2015), " Felicidade" 2016, Fátima, enquanto houver Portugueses 2017, Mário Soares, 2017, "Retratos 1970-2018".

OUTROS



É bom
viver aqui!
It's good to be here!

Garrett
cine-teatro

TURISMO DE
PORTUGAL

MIRA
FORUM



RE c/20 Correntes D'Escritas 16-27fev2019 Póvoa de Varzim

TRA

TOS

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
DE ALFREDO CUNHA

Biblioteca Municipal
Rocha Peixoto
18 Fev a 16 Mar



Autobiografia imaginária

Valter Hugo Mãe

Alfredo Cunha

Somos fotografados pelo Alfredo Cunha como provas do tempo. Não enfrentamos a sua câmara sem respeito. Vimos depois de algumas das imagens mais importantes do país, e a máquina parece auscultar-nos a paz ou a culpa. Lembro-me de pensar nos objectos e em como são pacientemente genuínos diante de quem os observa. Lembro-me de perigar na autenticidade, problematizado pelos nervos e pela reverência. Quando provamos o tempo somos a súmula do que vivemos e de quanto reconhecemos. Não comparecemos protagonistas apenas, somos chamados a caber numa história maior e tememos tudo, quer dizer, não importa a nossa unicidade mas o que contemos de universal, como se nos medissem o contributo para a generalidade dos homens.

Não é que as fotografias nos roubem a alma, claro, mas que podem denunciá-la no esconso de um olhar, é verdade. Subitamente, quando somos fotografados por alguém como Alfredo Cunha não nos incomoda a evidência simples do corpo mas a flagrância de uma interioridade onde nos mostramos na timidez secreta, ou no medo inconfessado, que carregamos.

Há uma monumentalidade generosa nas imagens de Alfredo Cunha. Digo assim, exactamente porque sublinha de cada um a universalidade. Não importa muito que possamos ver retratos de gente pública porque os seus retratos reconduzem todas as pessoas a uma presença despida, translúcida, onde nos equivalemos. O território mais fulgurante do retrato é esse onde se detecta o que comungamos pelo simples facto de sermos gente. O olhar de Alfredo Cunha encontra gente, mesmo nos rostos mais treinados ou reticentes, ele transpõe, quase transgride, e captura.

Acontece poucas vezes de sermos fotografados com um efeito interior, uma espécie de intimidade inesperada. Sobretudo quando a pessoa do fotógrafo nos é substancialmente desconhecida e, como tal, entra em nossa casa enquanto visita naturalmente cheia de limites e cordialidades cerimoniais. Há algo de ladrão num

fotógrafo assim, porque ele toma muito mais do que julgamos estar a dar. Talvez fiquemos ocupados com o ajeitado da casa, as cores, o modo da luz, e isso descobre-nos. Somos anfitriões vulneráveis porque não sabemos o que vale para a arte da fotografia. Imaginamos a fotografia mas nunca sucedemos na efectivação dessa ideia. Aparecemos sempre de outra maneira, não igual a sermos outros mas a sermos a camada de baixo do que julgávamos mostrar.

De todo o modo, se formos sujeitos ao ladrão ficamos-lhe gratos. Quero dizer, o que a fotografia nos toma é um retorno que nos afina na sinceridade, quantas vezes atrapalhada ou trapalhona, com que levamos a vida. Subitamente, surpresos, podemos receber a fotografia como o lado inelutável. Afinal, o que se afirma como inelutável simplifica o conceito de nós mesmos, simplifica-nos a vida.

Ofereci a uma amiga o mais recente livro de Alfredo Cunha porque me acossa a humanidade que emana. O fotojornalista talvez se obrigue à coisa ética de promover uma melhoria do mundo, mais do que apenas denunciá-lo. Talvez o gesto de informar deixe de ser legítimo se não tiver como último fito dotar os povos de melhor discernimento para as decisões seguintes. Neste aspecto, o fotojornalista é eminentemente um agente do bem, ainda que possa debruçar-se sobre o horror. "Toda a esperança do mundo", o livro de Alfredo Cunha e Luís Pedro Nunes, é a frontal assunção da vontade de contribuir. Ou seja, por uma vez, não há cinismo e nem ironia. A importância de se reverter cada horror é taxativa, o livro existe como a mais sincera motivação para a construção.

Perante as fotografias de Alfredo Cunha fica-nos a vontade urgente de amar. Vemos cada rosto e pedimos por cada rosto. Como amigos imediatos. O que consegue é da ordem da imediata celebração de se ser alguém. E, nós, olhamos como quem abraça ou acarinha.

Lembrei-me dos quinze minutos de Alfredo Cunha na minha casa, talvez há três ou quatro anos. Continuo sem entender como, em tão breve tempo, pôde ele levar de mim a mesma magia. Um carinho instantâneo. Algo maior do que eu. Algo de todos nós. O melhor de todos nós.